

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**ESTATIVIDADE E MORFOLOGIA PROGRESSIVA: UMA ANÁLISE À LUZ
DA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Ana Luiza Oliveira Mota

2016

ANA LUIZA OLIVEIRA MOTA

ESTATIVIDADE E MORFOLOGIA PROGRESSIVA: UMA ANÁLISE À LUZ DA
AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação Português/
Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Leitão Martins

RIO DE JANEIRO

2016

Mota, Ana Luiza Oliveira.

Estatividade e morfologia progressiva: uma análise à luz da aquisição de linguagem no Português do Brasil/ Ana Luiza Mota. – 2016
38 f.

Orientadora: Adriana Martins

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 37

1. Aspecto. 2. Estatividade. 3. Aquisição de linguagem I. Mota/ Ana Luiza. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2016. III. Título

ANA LUIZA OLIVEIRA MOTA

DRE: 112019935

ESTATIVIDADE E MORFOLOGIA PROGRESSIVA: UMA ANÁLISE À LUZ DA
AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras
na habilitação Português/ Inglês.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

_____ NOTA: _____

Profa. Dra. Adriana Leitão Martins (UFRJ)

_____ NOTA: _____

Prof. Dr. Celso Vieira Novaes (UFRJ)

MÉDIA: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Ana Maria e Antonio Luiz, por todo amor, dedicação e apoio que não há palavras para descrever. Obrigada por tornarem os meus sonhos possíveis. Agradeço também ao meu irmão, Gumercindo, por ser amigo antes de irmão. À minha tia mais nova, Ana Paula, por ser como uma irmã mais velha. À minha tia mais presente, Socorro, quem tanto admiro, por ter ajudado a me criar.

Aos meus padrinhos, Duda e Zé, pelo amor, carinho e acolhimento. À Letícia, pela amizade e companheirismo. Aos meus familiares que moram no Ceará, em especial aos meus avós maternos, Antonio Miguel e Oscarina (*in memoriam*), por serem lembrança constante de amor, luta e perseverança.

Agradeço aos meus amigos de Macaé e Rio das Ostras que sempre permaneceram comigo, independentemente da distância. À Mariana, pela amizade que vem desde os meus períodos mais vergonhosos da pré-adolescência. À Ellen, pelo companheirismo nos questionamentos diários. Ao Sean, por ser meu chato predileto. À Marianne, com quem aprendo muito sempre. À Ana Júlia, pelo carinho constante. À Natália, pelas piadinhas das quais sempre vou gargalhar. Agradeço também ao Kilian, pelo carinho e pelo apoio que atravessam o oceano Atlântico.

Aos amigos incríveis que fiz na graduação, meus amados TDLs. À Naitan, pela irmandade desde os meus primeiros dias na Ilha do Governador. Ao Dani, pela sensibilidade e parceria. À Drisana, por ser minha amiga de luta e de glória. Ao Iuri, pela (im) paciência de sempre e por todos os momentos de estresse dos quais gargalhamos depois. À Nath, pelo cuidado e dedicação inquestionáveis. À Sabrina, pelas risadas e leveza. Ao Renan, pela alegria e zueira tão peculiares. Vocês foram e são fundamentais.

Agradeço também à professora Luciana Salles, cujas aulas de literatura portuguesa abriram horizontes dialéticos que me fizeram ainda mais apaixonada pelo curso de Letras. Pelas amizades advindas da participação no seu grupo de estudos, Gabriella e Marcia, sempre fofas e companheiras, a quem também agradeço. Com vocês, o resto ficou fácil.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Adriana Leitão, que me contagiou com sua paixão pela linguística desde as primeiras aulas que tive com ela. Por ser uma

amiga tão carinhosa e uma orientadora tão admirável. Ao meu orientador, Celso Novaes, pelo acolhimento e carinho, e também por ser uma fonte de inspiração e uma figura paterna. À Adriana Lessa, pela amizade atenciosa, divertida e cheia de magia aspectual. Vocês me fazem crescer pessoalmente e academicamente a cada dia mais. Serei eternamente grata por isso.

Também devo agradecimentos a todos os colegas do grupo Biologia da Linguagem, em especial à Thais Neves e à Fernanda Estrêla, pelo apoio primordial nos meus primeiros passos na iniciação científica. Às amigas maravilhosas que fiz no grupo: Juju, Paty e Débora. À Juju, pela parceria constante, pela atenção e pela amizade tão cuidadosa. À Paty, por ser a mistura ideal entre a alegria e o gothicismo, e por ser sempre minha torcedora número um. À Débora, pelo carinho, pela atenção e pela disponibilidade em sempre ajudar. Agradeço pelo apoio de vocês, essencial para me fazer chegar até aqui.

Agradeço também à família da criança MV, pela gentileza e disponibilidade durante a coleta dos dados de fala. Estes foram importantíssimos para a minha trajetória na iniciação científica e, conseqüentemente, para este trabalho.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta monografia e para a minha trajetória durante a graduação.

“(...) Hoje, as pessoas mais novas julgam que são donas das palavras e que elas não têm poder. As pessoas dizem-nas exibindo a nudez das suas letras e das suas fonéticas, sem pudor. Mas as pessoas estão enganadas. As palavras ainda têm poder e movem mundos. Criam mundos. Desfazem mundos. E só os inconscientes as atiram para fora da boca como perdigotos. (...)”

(Afonso Cruz, Enciclopédia da história universal, Recolha de Alexandria)

RESUMO

MOTA, A.L.O. **Estatividade e morfologia progressiva: uma análise à luz da aquisição de linguagem no português do Brasil**. 2016. 37f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

Este trabalho tem por objetivo contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado, a partir da análise da emergência do imperfectivo contínuo na aquisição do Português do Brasil. A hipótese deste estudo é a de que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva ocorre após a emergência da expressão desse mesmo aspecto por meio da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo. Para verificar essa hipótese, foi realizado um estudo longitudinal com dados de fala espontânea de uma criança falante nativa do PB com idade entre dois anos e três meses e dois anos e oito meses. Foram analisadas as produções verbais relativas à emergência do aspecto imperfectivo contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva em verbos de atividade, de estado, de processo culminado e de culminação. Verificamos que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia não progressiva acontece antes da expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva apenas nos verbos de estado. Verificamos também que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva ocorre primeiramente com verbos de atividade. Ao contrário das expectativas, a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva em verbos de estado e de culminação aconteceu no mesmo período, antes mesmo dos verbos de processo culminado. A partir da análise dos resultados, é possível questionar se os verbos tipicamente classificados como de estado sempre o são, uma vez que a associação desse tipo de verbo com uma morfologia progressiva pode dar um caráter dinâmico ao verbo, caráter que, a priori, um verbo tipicamente classificado como de estado não tem.

Palavras-chave: Aspecto. Estatividade. Aquisição de linguagem.

ABSTRACT

MOTA, A.L.O. **Stativity and progressive morphology: an analysis in the light of language acquisition in Brazilian Portuguese**. 2016. 37f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

This paper aims to contribute to a reflection about types of verb classification, especially the stative ones, upon an analysis of the emergency of continuous aspect in language acquisition of Brazilian Portuguese. The hypothesis of this study is that the expression of continuous aspect through the progressive morphology occurs after the emergency of this same aspect through the non progressive morphology with all types of verb. In order to verify this hypothesis, a longitudinal study with spontaneous speech from a child whose native language is Brazilian Portuguese was done, in the age range of two years and three months old to two years and eight months old. Verbal productions concerning the emergency of continuous aspect through progressive and non progressive morphologies in activity, stative, accomplishment and achievement verbs were analyzed. We verified that the expression of continuous aspect through the non-progressive morphology occurs before the expression of continuous aspect through the progressive morphology only in stative verbs. We also verified that the expression of continuous aspect through the progressive morphology occurs firstly with activity verbs. Contrary to expectations, the expression of continuous aspect through the progressive morphology occurred in the same period with stative and achievement verbs, even before the accomplishment ones. From the results analysis, it is possible to question if the verbs traditionally classified as stative always are, since the association of this type of verb with a progressive morphology may give a dynamic characteristic to the verb, which, at first, a verb typically classified as stative does not have.

Keywords: Aspect. Stativity. Language Acquisition.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 12 |
| 1 Aspecto | 14 |
| 1.1 Aspecto gramatical..... | 14 |
| 1.2 Aspecto semântico..... | 16 |
| 2 Estatividade e morfologia progressiva | 18 |
| 2.1 A relação entre morfologia progressiva e estatividade..... | 18 |
| 2.2 Os verbos de estado e a aquisição de linguagem..... | 20 |
| 3 Metodologia | 23 |
| 3.1 A informante..... | 23 |
| 3.2 Procedimentos de coleta..... | 23 |
| 3.3 Dados considerados..... | 24 |
| 4 Resultados | 26 |
| 4.1 Resultado geral..... | 26 |
| 4.2 Resultados para cada tipo de verbo..... | 27 |
| 5 Discussão sobre os verbos de estado | 31 |
| 6 Considerações finais | 35 |
| Referências | 37 |
| Apêndice | 38 |

Introdução

O gerativismo é uma corrente da linguística que estuda a linguagem por meio de uma abordagem formal, considerando-a como um produto de uma faculdade específica da nossa mente. Um dos pressupostos gerativistas é o da modularidade da mente, segundo o qual a mente é composta por módulos cognitivos distintos e complexos, que interagem entre si. A faculdade mental específica na qual a linguagem está representada é a Faculdade da Linguagem. Uma das maneiras pelas quais é possível entender como a linguagem está representada mentalmente é por meio do estudo de aquisição de linguagem.

Um estudo de aquisição de linguagem contribui para responder a duas questões apresentadas por Chomsky, fundador do gerativismo, como perguntas que guiam o programa de investigação do gerativismo: “o que é conhecimento de linguagem?” e “como esse conhecimento é adquirido?” (CHOMSKY, 1986). Esta monografia, além de contribuir para o entendimento de como o conhecimento de língua é adquirido, utiliza dados sobre esse processo de aquisição para refletir sobre o que é conhecimento de linguagem, especificamente, sobre o que constitui nosso conhecimento de aspecto.

De acordo com Comrie (1976), aspecto são os diferentes modos de se visualizar a composição temporal interna de uma situação. Essa noção pode ser expressa por meio da morfologia verbal, o que chamamos de aspecto gramatical, ou por meio da semântica interna dos verbos e dos demais elementos da sentença que podem alterar inicialmente essa semântica, o que chamamos de aspecto semântico.

Com relação ao aspecto gramatical, um dos aspectos gramaticais básicos é o imperfectivo, que se divide em habitual e contínuo, sendo este referente a uma situação em andamento em determinado intervalo de tempo. No português do Brasil (doravante PB), o imperfectivo contínuo pode ser expresso por meio de uma morfologia progressiva (“Alice está lendo um livro”) ou uma morfologia não progressiva (“Alice lê um livro agora”).

Com relação ao aspecto semântico, uma das maneiras de visualizar o significado aspectual é olhando para os predicados verbais. Vendler (1967) propôs quatro categorias que se diferenciavam em função de noções semânticas pertencentes aos predicados verbais. Esta monografia tem como foco uma delas, os verbos de estado.

Segundo Comrie, há uma incompatibilidade entre os verbos de estado e a morfologia progressiva, uma vez que tal combinação envolve uma contradição interna entre a estatividade do verbo e a não estatividade essencial do progressivo. No entanto, observa-se que essa combinação é aceitável em línguas como o PB. Com o verbo “morar”, por exemplo, podemos usar tanto a morfologia não progressiva – “eu moro no Rio de Janeiro” – quanto a não progressiva – “estou morando no Rio de Janeiro”.

Diante desse quadro, o objetivo desta monografia é contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado, a partir da análise da emergência do imperfectivo contínuo na aquisição do PB. Mais especificamente, pretendemos investigar a aquisição do aspecto imperfectivo contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva nos diferentes tipos de verbo, e avaliar a pertinência da classificação de determinados verbos como sendo de estado a partir da emergência da morfologia progressiva. A hipótese deste estudo é a de que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva ocorre após a emergência da expressão desse mesmo aspecto por meio da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo. Para tanto, foi feito um estudo longitudinal com dados de fala espontânea de uma criança falante nativa do PB, coletados entre dois anos e três meses e dois anos e oito meses.

A divisão desta monografia é a seguinte: no primeiro capítulo, trataremos sobre aspecto e suas divisões, com base em Comrie (1976); no segundo capítulo, abordaremos a relação entre a estatividade e a morfologia progressiva, ao relato de estudos de aquisição de linguagem sobre essa relação; no terceiro capítulo, falaremos da metodologia utilizada neste trabalho; no quarto capítulo, trataremos sobre os resultados dos dados de fala espontânea de uma criança falante nativa do PB; no quinto capítulo, discutiremos a classificação de verbos como sendo de estado; e, no sexto e último capítulo, faremos algumas considerações finais sobre a estatividade e a morfologia progressiva.

1. Aspecto

A categoria linguística de aspecto é abordada nesta monografia com base no estudo de Comrie (1976). Antes de entrar na discussão sobre a noção de aspecto, é válido retomar alguns conceitos fundamentais, como o de tempo.

Tempo é uma categoria linguística que situa no tempo físico os acontecimentos do mundo (COMRIE, 1985). Desse modo, o tempo é uma categoria linguística que relaciona o momento em que uma situação acontece a algum outro momento, geralmente ao momento da fala, sendo, portanto, uma categoria dêitica. Nos exemplos (1) e (2) a seguir, ambas as sentenças estão no tempo passado:

- (1) *John sang.*
‘João cantou’
- (2) *John was singing.*
‘João estava cantando’¹

Embora ambas carreguem informações de tempo passado, elas divergem quanto à informação aspectual. Diferentemente do tempo, o aspecto é uma categoria linguística não dêitica, por não relacionar a situação a um momento de referência. Aspecto pode ser definido como as diferentes maneiras de se visualizar a composição temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976). O aspecto pode ser dividido em dois tipos, gramatical e semântico, sobre os quais discorreremos nas seções a seguir.

1.1. Aspecto gramatical

O aspecto gramatical refere-se à noção aspectual codificada pela morfologia verbal². Comrie postula dois tipos básicos para as línguas naturais: o perfectivo e o imperfectivo.

O perfectivo denota uma situação vista como um todo, sem marcação de suas fases internas, como no exemplo em (1). Já o imperfectivo contempla a estrutura interna da situação, sendo possível visualizar suas fases internas, como no exemplo em (2). Em ambos os exemplos, as informações aspectuais estão codificadas na morfologia verbal.

¹ Exemplos retirados de Comrie (1976, p. 2).

² Comrie ressalta que o aspecto gramatical também pode ser codificado por meio de uma perífrase.

O imperfeito pode ser subdividido ainda em outras duas noções aspectuais: habitual e contínuo. Conforme o próprio nome sugere, o imperfeito habitual refere-se a uma situação recorrente, característica de um determinado período de tempo. O imperfeito contínuo refere-se a uma situação em andamento no momento de referência. Os exemplos de sentenças com o imperfeito habitual e contínuo podem ser observados nas orações em negrito, respectivamente, em (3) e (4):

- (3) ***John worked here** when he was young.*
 ‘João trabalhava aqui quando ele era jovem’
- (4) ***John was working** when I entered.*
 ‘João estava trabalhando quando eu entrei’³

Se pensarmos no tempo presente do PB, língua em questão neste trabalho, a distinção entre a expressão do imperfeito habitual e contínuo se dá, geralmente, do seguinte modo:

- (5) João trabalha.
- (6) João está trabalhando.

Os exemplos em (5), com a morfologia não progressiva, e (6), com a morfologia progressiva, trazem as noções aspectuais mais comumente associadas a essas morfologias, que são, respectivamente, habitualidade e continuidade. No entanto, essas noções não são necessariamente associadas a essas morfologias, conforme podemos observar nos exemplos em (7) e (8).

- (7) João está trabalhando (agora).
- (8) João trabalha **agora**.

Observamos, pelos exemplos (7) e (8), que o imperfeito contínuo pode ser expresso por meio de duas marcas morfológicas: morfologia progressiva e morfologia não progressiva. O exemplo em (7) traz uma morfologia progressiva no PB, com auxiliar seguido do verbo principal no gerúndio, e a noção aspectual não depende necessariamente do uso do advérbio⁴. O exemplo em (8) traz a morfologia não

³ Exemplo 4 retirado de Comrie (1976, p.25).

⁴ A discussão mais detalhada sobre imperfetividade e progressividade acontecerá no capítulo 2 deste trabalho, na seção 2.1.

progressiva no presente simples, que pode veicular outros tempos e aspectos no PB. Neste exemplo, a noção aspectual está apoiada no uso do advérbio.

1.2. Aspecto semântico

O aspecto semântico, por sua vez, refere-se ao significado aspectual intrínseco aos itens lexicais, independentemente de marcação morfológica (COMRIE, 1976). Vendler (1967) propôs uma classificação que leva em consideração determinadas propriedades aspectuais dos itens lexicais, nesse caso, dos predicados verbais, dividindo-os em quatro tipos: atividades (“correr”), estados (“amar”), processos culminados (“correr um quilômetro”) e culminações (“achar”). Este autor, ao postular essa classificação de verbos, não afirma explicitamente que essa classificação esteja pautada pela noção de aspecto semântico, embora seja possível inferir que as categorias propostas se diferenciam conforme o aspecto semântico veiculado⁵.

Examinando mais detalhadamente os tipos de verbo de Vendler, é possível pensar sobre eles a partir de traços aspectuais semânticos que são intrínsecos aos itens lexicais. Comrie estabeleceu três oposições semânticas aspectuais: pontualidade *versus* duratividade, estatividade *versus* dinamicidade e telicidade *versus* atelicidade.

A oposição entre pontualidade e duratividade consiste, segundo o autor, naquela estabelecida pela duração de um evento. Enquanto um evento pontual não tem duração interna nem mesmo em um curto período de tempo, o evento durativo dura por certo período de tempo. A oposição entre estatividade e dinamicidade, por sua vez, se dá de acordo com o gasto de energia de um evento. Ao passo que um evento estativo não exige fornecimento contínuo de energia para que aconteça, o evento dinâmico demanda um fornecimento contínuo dessa energia, proveniente do sujeito da ação ou não, para acontecer. Com relação à oposição entre telicidade e atelicidade, a oposição reside no ponto final inerente de um evento. Por um lado, o evento télico é aquele que possui um ponto final inerente e, por outro lado, o evento atélico é aquele que não o possui.

Desse modo, retomando os quatro tipos de verbo segundo Vendler, podemos tomar como base a classificação dos traços dos tipos de verbo proposta por Smith (1991).

⁵ A classificação dos tipos de verbo com base no aspecto semântico dos itens lexicais presentes no sintagma verbal é feita em trabalhos como o de Smith (1991).

| | Pontualidade | Estatividade | Telicidade |
|--------------------|--------------|--------------|------------|
| Atividade | [-] | [-] | [-] |
| Estado | [-] | [+] | - |
| Processo culminado | [-] | [-] | [+] |
| Culminação | [+] | [-] | [+] |

Tabela 1: Traços inerentes ao aspecto semântico, adaptado de Smith (1991).⁶

A autora define os verbos de atividade como [- pontuais], [- estativos] e [- télicos], pois se prolongam por um determinado intervalo de tempo, demandam energia para continuar acontecendo e não possuem um final inerente. São verbos de atividade, por exemplo, “correr”, “ler” e “comer”. Os verbos de estado, por sua vez, são [- pontuais] e [+ estativos]⁷. Apesar de também se prolongarem por um determinado intervalo de tempo, diferentemente dos verbos de atividade, os verbos de estado não dependem de um fornecimento contínuo de energia para continuar acontecendo – logo, são especificados positivamente para o traço de estatividade. São exemplos de verbos de estado: “saber”, “amar” e “morar”.

Já os verbos de processo culminado são [- pontuais], [- estativos] e [+ télicos], comportando-se de maneira semelhante aos verbos de atividade, a não ser pelo fato de que possuem um ponto final inerente, por exemplo, em: “correr um quilômetro”, “ler um livro” e “comer uma maçã”. Por fim, os verbos de culminação são [+ pontuais] e [- estativos] e [+ télicos], comportando-se de maneira semelhante aos verbos de processo culminado, a não ser pelo fato de que os eventos são instantâneos, tais como: “encontrar”, “parar” e “pular”.

A partir dos conceitos tratados neste capítulo, o capítulo a seguir tratará da estatividade e sua relação com a morfologia progressiva.

⁶ A autora acrescenta mais um tipo de verbo para além dos postulados por Vendler, que são os semelfactivos. Nesse tipo de verbo, os eventos são constituídos por fases idênticas e essas fases são idênticas ao evento como um todo, como, por exemplo, “tossir”. Como a classificação de Smith não é a principal neste trabalho, optamos por não acrescentar na tabela os verbos semelfactivos.

⁷ Smith aponta que o traço de telicidade é irrelevante para situações com propriedades estativas, uma vez que a telicidade refere-se a um evento com ponto final inerente e, em situações com propriedades estativas, sequer há um evento que leve a um ponto final.

2. Estatividade e morfologia progressiva

O presente capítulo trata primeiramente da relação entre estatividade e morfologia progressiva, e, na sequência, sobre os verbos de estado e a aquisição de linguagem.

2.1 A relação entre morfologia progressiva e estatividade

Em algumas línguas naturais, a distinção entre o aspecto imperfectivo contínuo e o não contínuo (ou habitual) por meio de morfologia progressiva e não progressiva é obrigatório, enquanto, em outras línguas, o uso da morfologia progressiva para a expressão do imperfectivo contínuo é opcional (COMRIE, 1976).

Segundo Comrie, o inglês seria um exemplo de língua cuja expressão dos aspectos imperfectivo contínuo e não contínuo por meio de morfologia progressiva e não progressiva é obrigatório, e uma morfologia geralmente não substitui a outra, uma vez que a morfologia progressiva daria um sentido distinto à sentença. Línguas como o espanhol, por outro lado, ilustrariam casos em que o imperfectivo contínuo pode ser expresso também pela morfologia não progressiva, sem implicar uma leitura não contínua.

- (9) *John is singing.*
‘João está cantando’
- (10) *Juan está cantando.*
- (11) *Juan canta*⁸.

Em (9) temos um exemplo do inglês, que poderia ser lido no espanhol como os exemplos em (10) e (11). Comrie também fala do francês, língua cuja morfologia progressiva é menos frequente, conforme exemplo em (12). O autor aponta que, normalmente, sentenças como (9) são traduzidas com a morfologia não progressiva, como em (13).

- (12) *Jean est en train de chanter.*
‘João está cantando’
- (13) *Jean chante.*
‘João canta’/‘João está cantando’

⁸ Todos os exemplos nesta página foram retirados de Comrie (1976, p.33).

Ao apontar uma falta de refinamento nas explicações sobre progressividade encontradas em algumas gramáticas tradicionais, em especial no que tange à distinção entre progressividade e imperfectividade, Comrie destaca que a imperfectividade inclui também a habitualidade, conforme já explicado na seção 1.1 do capítulo anterior. A habitualidade permite que uma situação seja vista sem uma leitura progressiva, como em (14), e permite também que a situação seja vista como estando em andamento, como em (15):

(14) *John used to write poems.*

‘João costumava escrever poemas’

(15) *John used to be writing poems.*

‘João costumava estar escrevendo poemas’⁹

Conforme observamos no exemplo em (15), a morfologia progressiva pode ser usada para a expressão do aspecto imperfectivo habitual. No entanto, o exemplo em (16) evidencia que essa morfologia não necessariamente veicula o aspecto imperfectivo habitual.

(16) *John was writing a poem at five o'clock on the fifth of June 1975.*

‘João estava escrevendo um poema às cinco horas no dia 05 de junho de 1975.’

Comrie destaca que os verbos de estado não se combinam à morfologia progressiva, uma vez que envolveria uma contradição interna entre a estatividade do verbo e a não estatividade essencial do progressivo.

No entanto, as línguas têm diferentes regras para determinar quando a morfologia progressiva pode ser usada. Segundo Comrie, no inglês, geralmente, não é possível usar a morfologia progressiva com verbos de percepção, tais como “*see*” (‘ver’) e “*hear*” (‘ouvir’).

(17) **I am seeing you there under the table.*

(18) **You aren't hearing.*

No PB, por outro lado, essa morfologia é aceitável:

(19) Estou te vendo lá embaixo da mesa.

⁹ Exemplos retirados de Comrie (1976, p.33).

(20) Você não está ouvindo¹⁰.

A possibilidade de ocorrência nesses casos seria justificada pela possibilidade de interpretar “*seeing*” (‘vendo’), “*hearing*” (‘ouvindo’), entre outros, como não-estados (situações dinâmicas). O autor pontua que essa interpretação não implica diferenças de cognição entre falantes de línguas que autorizam o uso da morfologia progressiva com verbos de estado e aquelas que não autorizam.

Retomando a tabela sobre os traços inerentes ao aspecto semântico trazida no capítulo anterior, na seção 1.2, são destacados neste momento os traços inerentes aos verbos de estado, em especial, a estatividade, traço linguístico aspectual de interesse neste trabalho:

| | Estatividade | Duratividade | Telicidade |
|--------|--------------|--------------|------------|
| Estado | [+] | [+] | – |

Tabela 2: Traços inerentes ao aspecto semântico para verbos de estado, adaptado de Smith (1991).

A partir da tabela acima, a incompatibilidade entre os verbos de estado e a morfologia progressiva apontada por Comrie pode ser pensada da seguinte forma: os verbos de estado, que são [+estativos] e [+durativos], quando combinados a uma morfologia progressiva, se tornam [-estativos], levando à assunção de que se tratam de atividades (situações dinâmicas).

2.2. Os verbos de estado e a aquisição de linguagem

No que diz respeito à literatura sobre os verbos de estado em termos de aquisição de linguagem, podemos destacar a Hipótese da Primazia do Aspecto, desenvolvida inicialmente, dentre outros, por Andersen (1989). A hipótese consiste na ideia de que, quando as crianças utilizam determinado morfema flexional nas etapas iniciais de aquisição de linguagem, a noção veiculada é a de aspecto semântico, e não de aspecto gramatical ou tempo. Logo, o aspecto semântico controlaria o uso das flexões verbais no início da aquisição da linguagem. Shirai e Andersen (1995) propõem a divisão dessa hipótese em três partes:

¹⁰ Exemplos (17) a (20) retirados de Comrie (1976, p. 35)

- i. As crianças usam primeiramente o passado (ou perfectivo) predominantemente com verbos de culminação e de processo culminado, estendendo eventualmente o uso para verbos de atividade e, por último, para verbos de estado.
- ii. Nas línguas que possuem a morfologia progressiva, as crianças primeiramente utilizam essa morfologia principalmente com verbos de atividade, estendendo posteriormente o seu uso para verbos de processo culminado e para verbos de culminação.
- iii. As crianças não estendem incorretamente a morfologia progressiva para verbos de estado.

A terceira parte da hipótese ressalta que as crianças não utilizam, de maneira incorreta, a morfologia progressiva com verbos de estado. A hipótese em questão foi formulada com base em dados na língua inglesa.

O autor parece se referir a “verbos de estado” como uma categoria ontológica. Neste estudo, faremos referência a “verbos tipicamente classificados como verbos de estado”, uma vez que pretendemos problematizar a proposição de determinados verbos como sendo de estado independentemente da morfologia pela qual sejam realizados. Alguns autores, inclusive, buscam propor uma subclassificação para os verbos de estado. Duarte & Brito (2003), postulam que, no português, há seis subclasses de verbos de estado: existenciais (“haver”), locativos (“morar”), epistêmicos (“conhecer”), perceptivos (“ver”), psicológicos (“gostar”) e copulativos (“ser”). Halliday & Mathiessen (2004), propõem, para o inglês, quatro subclasses: perceptivos (“notice”), cognitivos (“think”), desiderativos (“want”) e emotivos (“love”).

Apesar de Comrie (1976) afirmar que os verbos tipicamente classificados como de estado e a morfologia progressiva não se combinam na língua inglesa, tal combinação é atestada por muitos trabalhos, dentre eles, Guimarães, Novaes & Estrêla (2013). Não se pode afirmar, no entanto, que essa combinação acontece já durante o processo de aquisição do inglês.

Com o intuito de verificar a combinação dos verbos tipicamente classificados como verbos de estado com a morfologia progressiva na aquisição de linguagem, Mota (2015) realizou um trabalho no qual um dos objetivos era investigar a realização do aspecto imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva em verbos

tipicamente classificados como verbos de estado, em comparação com os outros tipos de verbo, durante a aquisição do PB.

A hipótese correspondente a esse objetivo era a de que a emergência da combinação da morfologia progressiva com verbos tipicamente classificados como verbos de estado no PB ocorre posteriormente à emergência da combinação dessa morfologia com os demais tipos de verbo, ou seja, a de que as crianças adquirindo o PB combinariam a morfologia progressiva primeiramente com verbos de atividade, de processo culminado e de culminação antes de combiná-la aos verbos tipicamente classificados como verbos de estado. A hipótese foi refutada, uma vez que a primeira ocorrência de verbos tipicamente classificados como verbos de estado com a morfologia progressiva foi detectada no mesmo período em que foi detectada a primeira ocorrência com os verbos de culminação, antes mesmo dos verbos de processo culminado.

Os dados supracitados servem como base para estimular um estudo no qual seja verificado como as demais categorias verbais de Vendler se comportam em relação à morfologia progressiva *versus* morfologia não progressiva, com o propósito de comparar com o que acontece com os verbos tipicamente classificados como verbos de estado. A partir disso, retomamos o objetivo do trabalho, que é contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado, a partir da análise da emergência do imperfectivo contínuo na aquisição do PB.

Neste capítulo, tratamos da relação entre morfologia progressiva e estatividade, bem como algumas considerações existentes na literatura sobre o tema na aquisição de linguagem. No próximo capítulo, será descrito o procedimento metodológico adotado para este trabalho.

3. Metodologia

Para alcançar o objetivo de contribuir para a reflexão sobre os tipos de verbo, em especial aqueles tipicamente classificados como verbos de estado, sob a perspectiva da aquisição de linguagem, adotamos como metodologia o desenvolvimento de um estudo longitudinal, isto é, um estudo em que dados do mesmo informante são coletados várias vezes ao longo do tempo. Foram feitas dez coletas de dados de fala espontânea de uma criança em processo de aquisição do PB. Os dados foram coletados durante seis meses, com o propósito de levantar dados para a pesquisa de iniciação científica da autora deste trabalho.

O capítulo é dividido da seguinte maneira: a primeira seção trata das informações sobre a informante, a segunda seção trata dos procedimentos de coleta e a terceira, por fim, discorre sobre como os dados foram avaliados.

3.1 A informante

A criança selecionada para a pesquisa é do sexo feminino, denominada MV ao longo deste trabalho. As coletas foram iniciadas com a idade de dois anos e três meses, e finalizadas com a idade de dois anos e oito meses.

MV é brasileira, natural do Rio de Janeiro. É a mais nova de cinco irmãos e mora com os pais e com três dos quatro irmãos. Tem bastante contato familiar, convivendo regularmente com avós, tios e tias. Além disso, ela já frequentava a creche durante o período das gravações. É uma criança geralmente animada, que gosta muito de passeios, brincadeiras e personagens infantis famosos.

3.2 Procedimentos de coleta

Conforme dito no início deste capítulo, foram feitas dez coletas de dados de fala espontânea da criança em questão, por um período de seis meses. As coletas foram iniciadas quando MV tinha dois anos e três meses, em 13 de março de 2015, e concluídas quando MV tinha dois anos e oito meses, em 21 de agosto de 2015.

Buscamos manter intervalos de aproximadamente quinze dias entre as coletas. Algumas questões paralelas interferiram na regularidade das coletas por volta do quarto mês da pesquisa, porém não houve prejuízos para a mesma.

As coletas foram feitas na casa da criança, onde estavam presentes majoritariamente a pesquisadora e a mãe de MV¹¹. A pesquisadora buscou levar alguns livrinhos ou historinhas com temas que MV achava interessante, para incentivar sua produção. Entretanto, não havia o intuito de trabalhar com uma historinha específica de maneira continuada, mas como MV gostava muito de certos temas, alguns assuntos eram recorrentes durante as gravações.

3.3 Dados considerados

Uma análise de dados de fala espontânea requer a definição de alguns critérios para análise, e alguns dados não foram considerados, como, por exemplo, as produções verbais com repetições imediatas do mesmo verbo com a morfologia progressiva, como ilustra o exemplo (21) a seguir.

(21) RT: E aqui, eles **estão brincando** na neve?

MV: **Tá brincando.**

RT: Eles estão brincando, né...¹²

As produções verbais com repetições da morfologia progressiva, porém com verbos diferentes daqueles usados anteriormente pelo interlocutor de MV, foram consideradas, como ilustra o exemplo (22) a seguir.

(22) AL: Que que você **tá fazendo**, V.?

MV: **Tô arrumando.**

AL: Você quer deitar?

Caso o interlocutor que estivesse interagindo com MV produzisse verbos com a morfologia progressiva e estes fossem produzidos pela criança após pelo menos quatro turnos de fala, não consideramos como repetição, como ilustra o exemplo (23) a seguir.

(23) AL: (Falando no telefone, fingindo ser a Emília) Alô, V.! Quando você vem no sítio me ver?

A: **Tá ligando** pra quem, você?

¹¹ Os exemplos trazem siglas dos interlocutores que interagem com a criança, podendo ser a mãe (R), tio (a) (RT, A), irmã (MC) ou a própria pesquisadora (AL).

¹² Nos trechos de fala espontânea transcritos nesta monografia, não há comprometimento com transcrição fonológica, pois constatamos que uma transcrição fiel não contribuiria para o estudo em questão.

MV: Mamãe!

A: Mamãe?

MV: Papai!

A: Papai? Então fala com ele...

MV: **Ligando!**

AL: Tá discando?

MV: **Tá ligando!**

Caso a criança produzisse um determinado verbo várias vezes, ele só foi contabilizado uma vez, como ilustra o exemplo (24) a seguir.

(24) RT: O que é isso no nariz do Olaf?

MV: **É** cenoura.

RT: Eu pensei que era o nariz do Olaf. **É** o nariz do Olaf ou **é** uma cenoura?

MV: **É** que **é** cenoura.

Também foram eliminados dos dados contabilizados quaisquer dados que geraram dúvidas de interpretação, como, por exemplo, quando a produção verbal da criança era de difícil compreensão e não era possível depreender qual o verbo utilizado. O próximo capítulo trata da análise dos dados, trazendo conseqüentemente mais detalhes sobre as produções da criança.

4. Resultados

Este capítulo apresenta alguns dos dados longitudinais sobre os quais tratamos no capítulo anterior, com o propósito de apresentá-los para cumprir o objetivo deste estudo, que é o de contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado, a partir da análise da emergência do imperfeito contínuo na aquisição do PB.

O capítulo é dividido em duas seções: a primeira trata do resultado geral de todos os tipos de verbo e a segunda traz os resultados para cada tipo de verbo.

4.1. Resultado geral

O gráfico a seguir traz a quantidade geral das ocorrências de todos os tipos de verbo veiculando aspecto imperfeito contínuo nos dados de todas as coletas feitas. Em azul claro estão as ocorrências expressas pela morfologia não progressiva e, em azul escuro, as ocorrências expressas pela morfologia progressiva¹³.

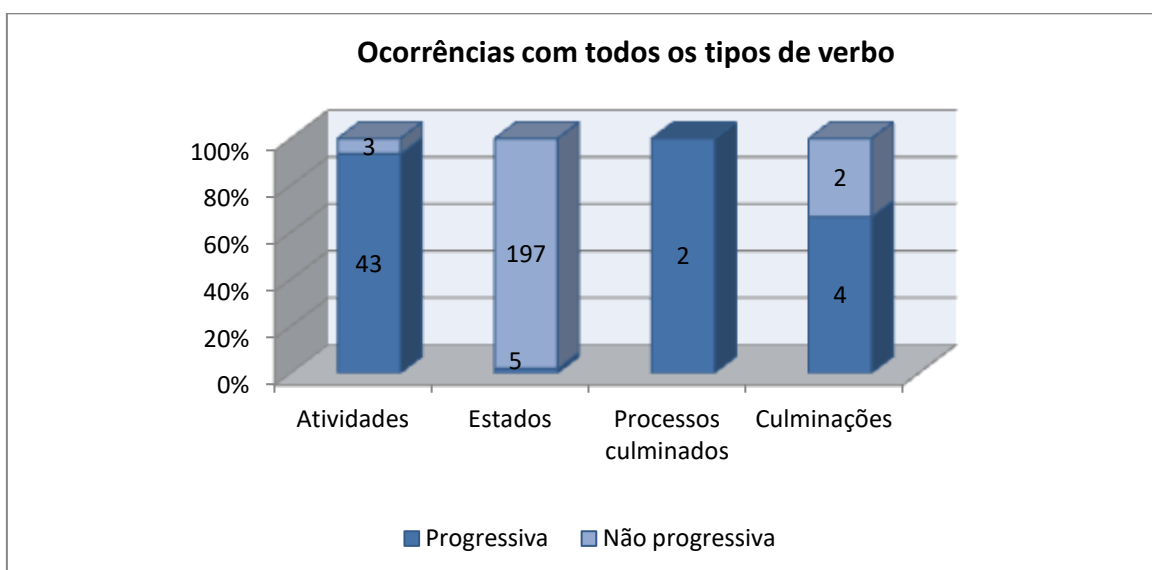


Gráfico 1 - ocorrências com todos os tipos de verbo veiculando aspecto imperfeito contínuo.

Podemos observar que, com os verbos de atividade, as ocorrências veiculando aspecto imperfeito contínuo por meio da morfologia progressiva são expressivamente maiores que as ocorrências desse mesmo tipo de verbo veiculando esse mesmo aspecto com a morfologia não progressiva. O contrário acontece com os verbos tipicamente

¹³ No que diz respeito à segunda coluna do gráfico, o que chamados de “estados” são “verbos tipicamente classificados como de estado”.

classificados como verbos de estado, em que as ocorrências veiculando aspecto imperfectivo contínuo são majoritariamente com a morfologia não progressiva.

Com relação aos verbos de processo culminado veiculando aspecto imperfectivo contínuo, só tivemos ocorrências com a morfologia progressiva. Já com os verbos de culminação veiculando aspecto imperfectivo contínuo, tivemos ocorrências mais equilibradas quanto ao uso das morfologias progressiva e não progressiva.

4.2. Resultados para cada tipo de verbo

Os gráficos a seguir trazem as ocorrências de cada tipo de verbos contabilizadas de acordo com cada coleta de dados:

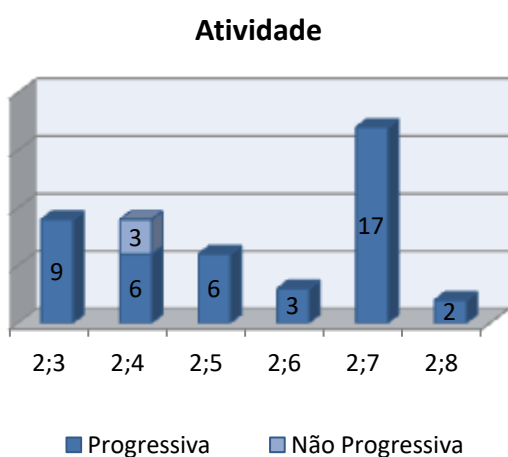


Gráfico 2- Verbos de atividade veiculando aspecto imperfectivo contínuo.

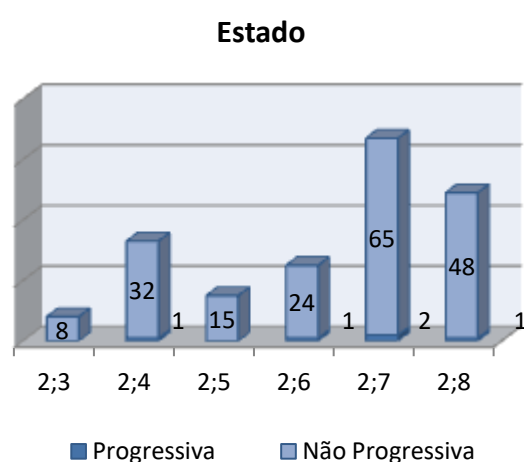


Gráfico 3 - Verbos de estado veiculando aspecto imperfectivo contínuo.

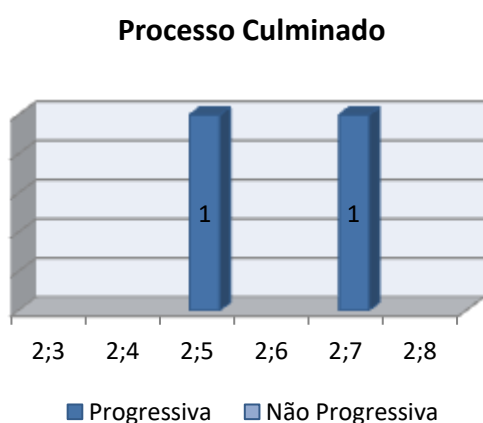


Gráfico 4- Verbos de processo culminado veiculando aspecto imperfectivo contínuo.

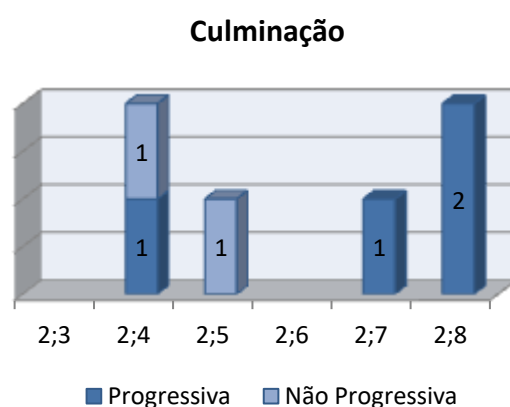


Gráfico 5- Verbos de processo culminado veiculando aspecto imperfectivo contínuo.

Podemos perceber que, com relação aos verbos de atividade, desde a primeira coleta dos dados, com dois anos e três meses, a criança já produzia esse tipo de verbo veiculando aspecto imperfectivo contínuo com a morfologia progressiva. Já com dois anos e quatro meses, a criança produziu esse tipo de verbo veiculando aspecto imperfectivo contínuo tanto com a morfologia progressiva quanto com a morfologia não progressiva. São apresentados exemplos de verbos de atividade com a morfologia progressiva em (25) e a não progressiva em (26):

- (25) MV: Papai! Papai pig!
 A: E essa daqui?
 MV: A Mamãe pig!
 A: É, o que eles estão fazendo?
 MV: **Brincando de lama.**

- (26) MC: Mostra pra tia! Você sabe fazer balé, né?

 (MV dança)
 AL: Ai que fofa!
 MV: Quero fazer balé. Eu **faz** balé.

Sobre os verbos de processo culminado, tivemos apenas duas ocorrências nos dados analisados desse tipo de verbo veiculando aspecto imperfectivo contínuo, uma com dois anos e cinco meses e outra com dois anos e sete meses. Ambas as ocorrências foram com a morfologia progressiva. Uma das ocorrências com a morfologia progressiva é a apresentada em (27) a seguir:

- (27) MV: **Tá subindo** na Ana!
 RT: Quem tá subindo na Ana?
 MV: A Sofia!

Com relação aos verbos de culminação, as primeiras ocorrências desse tipo de verbo veiculando aspecto imperfectivo contínuo foram quando a criança tinha dois anos e quatro meses. Nessa idade, ela produziu tanto a morfologia progressiva quanto a morfologia não progressiva veiculando o imperfectivo contínuo, o que também aconteceu com os verbos de atividade e os de estado. Os exemplos apresentados a

seguir ilustram as produções com a morfologia progressiva em (28) e a não progressiva em (29):

- (28) AL (livro): Aqui o coelhinho.
 MV: O coelho.
 AL: Ele tá onde?
 MV: **Pulando**.
 AL: Pulando? Ah, legal. E aqui, o que o coelhinho tá comendo?
 MV: Cenoura.
- (29) AL: Vai chamar ela pra fazer um gol?!
 MV: Eu fazer gol. (com as mãos)
 R: Ah, gol assim não vale!
 MV: Vale sim!
 (Todos ficam jogando mais um pouco)
 MV: Ai, não **consegue**...

Já com relação aos verbos de estado, desde a primeira coleta a criança já produzia esse tipo de verbo com a morfologia não progressiva veiculando aspecto imperfectivo contínuo. Também com dois anos e quatro meses, a criança produziu tanto a morfologia progressiva quanto a morfologia não progressiva veiculando aspecto imperfectivo contínuo. São apresentados exemplos dos verbos de estado com a morfologia progressiva¹⁴ em (30) e a não progressiva em (31) nos dados analisados:

- (30) MV: Tá de noite lá.
 R: Tá o que, Maria?
 MV: Tá de noite.
 AL: No filme tá de noite, né?
 MV: É, lá. Tá **ficando** igual.

¹⁴ As demais ocorrências de verbos de estado veiculando aspecto imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva estão no apêndice deste trabalho.

- (31) A: O que que é isso? Quem é esse?
MV: **Sei**¹⁵... esse aqui aí é... **tem** a Sofia aqui...
A: Tem a Sofia aí? Me mostra?
MV: Tem a Sofia não...

Apresentamos nesta seção os resultados referentes a cada tipo de verbo. No próximo capítulo, trataremos de maneira específica sobre os verbos de estado, propondo uma análise a partir dos resultados obtidos.

¹⁵ É possível questionar se “sei” não representaria um marcador discursivo. Todavia, nesse caso, foi contabilizado como verbo, porque em uma análise abrangente da produção de MV ficou perceptível que a ideia era expressar “eu sei”.

5. Discussão sobre os verbos de estado

Olhando especificamente para os verbos tipicamente classificados como verbos de estado, podemos ver que as ocorrências com a morfologia progressiva foram com dois anos e três meses, dois anos e seis meses, dois anos e sete meses e dois anos e oito meses, totalizando cinco ocorrências, um índice baixo comparado à morfologia não progressiva.

As ocorrências dos verbos tipicamente classificados como verbos de estado com a morfologia progressiva foram detectadas da seguinte maneira:

| Idade | Verbo |
|-------|-------|
| 2;4 | Ver |
| 2;6 | Ver |
| 2;7 | Ver |
| 2;7 | Ficar |
| 2;8 | Doer |

Tabela 3 – Ocorrência dos verbos tipicamente classificados como verbos de estado com a morfologia progressiva.

De uma maneira mais ampla, o gráfico a seguir mostra a ocorrência de verbos tipicamente classificados como verbos de estado veiculando aspecto imperfeito contínuo nos dados analisados:

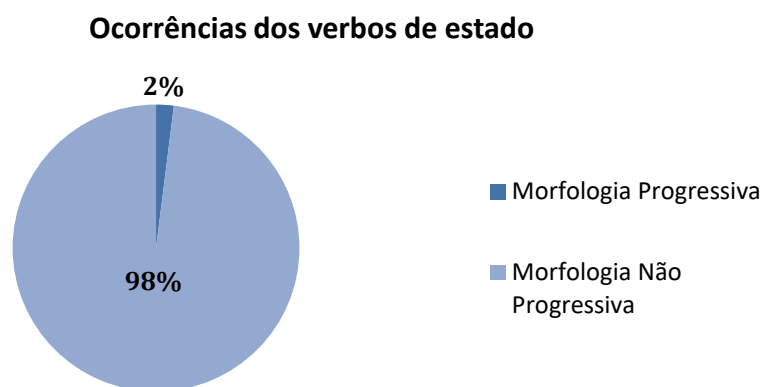


Gráfico 6 - Ocorrência dos verbos tipicamente classificados como verbos de estado veiculando aspecto imperfeito contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva.

O gráfico das ocorrências dos verbos tipicamente classificados como verbos de estado veiculando aspecto imperfeito contínuo nos dados analisados reflete essa diferença entre os usos das morfologias progressiva e não progressiva. Temos 98% desse tipo de verbo com a morfologia não progressiva e 2% com a morfologia progressiva.

Diante dos resultados descritos no capítulo anterior, podemos observar que a expressão do aspecto imperfectivo contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva ocorre da seguinte maneira nos dados analisados: com os verbos de atividade, a morfologia progressiva emergiu primeiro; com os de estado, a morfologia não progressiva. Com os verbos de processo culminado, houve apenas ocorrências com a morfologia progressiva, e, com as culminações, as morfologias progressiva e não progressiva emergiram juntas.

| | 1ª ocorrência | 2ª ocorrência |
|--------------------|---------------------------------|-----------------|
| Atividade | Progressiva | Não progressiva |
| Estado | Não progressiva | Progressiva |
| Processo Culminado | Progressiva | - |
| Culminação | Não progressiva/ Progressiva | - |

Tabela 3 - Emergência das morfologias progressiva e não progressiva para a expressão do imperfectivo contínuo nos dados analisados.

Com isso, observamos que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva não ocorre após a emergência da expressão desse mesmo aspecto por meio da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo nos dados analisados. Logo, a hipótese deste estudo, que é a de que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva ocorre após a emergência da expressão desse mesmo aspecto por meio da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo, foi refutada, uma vez que, para a expressão do imperfectivo contínuo, a morfologia progressiva foi utilizada antes da não progressiva para os verbos de atividade; a morfologia progressiva e a não progressiva foram utilizadas durante o mesmo período para os verbos de culminação, e apenas a morfologia progressiva foi utilizada para os verbos de processo culminado. A expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva ocorreu após a emergência desse mesmo aspecto por meio da morfologia não progressiva apenas com os verbos de estado.

Observamos, ainda que poucas, algumas ocorrências de verbos tipicamente classificados como verbos de estado sendo usados com a morfologia progressiva durante a aquisição de linguagem, já na terceira coleta de dados. A partir disso, podemos retomar a terceira parte da Hipótese da Primazia do Aspecto, segundo a qual as crianças não estendem incorretamente a morfologia progressiva para verbos de estado, e propor duas possibilidades

de interpretação dos dados: (i) essa parte da hipótese está correta e, de fato, essa combinação não é autorizada, já que, os verbos com os quais a morfologia progressiva foi combinada não possuem genuinamente o traço de estatividade; (ii) essa parte da hipótese, tal como formulada, não está correta, visto que a realização de um verbo tipicamente classificado como verbo de estado com morfologia progressiva foi observada já na terceira coleta.

Levando essas possibilidades em consideração, é possível levantar o questionamento se os verbos tipicamente classificados como estado sempre o são. Na ocorrência descrita no exemplo em (30), a criança e a pesquisadora estavam assistindo a um filme por volta de 18h, 19h, quando estava começando a anoitecer. Na cena do filme, já estava de noite, então a criança disse que estava ficando igual.

Na ocorrência exemplificada, “ficar igual”, podemos inferir que há uma dinamicidade conferida ao verbo na combinação da morfologia progressiva ao verbo de estado. A morfologia com a qual o verbo se associa dá o caráter dinâmico a ele, uma dinamicidade que um verbo tipicamente classificado como de estado não tem. Deste modo, a dinamicidade seria a noção semântico-lexical mais proeminente na situação exemplificada, “ficar igual”, justificando o uso da morfologia progressiva.

Logo, quando um verbo de estado se combina com a morfologia progressiva, ocorreria uma dinamização do predicado, em que as noções semântico-lexicais mais proeminentes na situação seriam demarcadas pela morfologia verbal. A morfologia, então, seria um indicador para a classificação dos tipos de verbo.

A ocorrência de verbos tipicamente classificados como sendo de estado combinados à morfologia progressiva se daria por conta dessa dinamização, o que faria com que esses verbos, nessas ocorrências, não deveriam ser classificados como verbos de estado. Essa combinação só seria possível quando o verbo, ainda que tipicamente classificado como verbo de estado, é depreendido como tendo um traço de dinamicidade.

Além das observações sobre o uso da morfologia progressiva com os verbos tipicamente classificados como de estado, pontuamos também que, para o fato da morfologia não progressiva ser primeiramente e mais amplamente utilizada com verbos tipicamente classificados como de estado para a expressão do imperfectivo contínuo, duas possibilidades de interpretação são possíveis, segundo Andersen & Shirai (1996): (i) alguns verbos, incluindo os que são tipicamente classificados como de estado, de fato possuem, geralmente,

um traço estativo. De certa forma, tal constatação daria suporte à terceira parte da Hipótese da Primazia do Aspecto, que refletiria as restrições em termos de combinação de morfologia progressiva ao traço semântico de estatividade; e (ii) grande parte desses verbos é realmente preferencialmente combinada à morfologia não progressiva no input ao qual a criança é exposta.

Com relação ao input, os dados de Guimarães (2017) mostram que os adultos falantes nativos do PB combinam praticamente com a mesma frequência a morfologia progressiva e a não progressiva aos verbos tipicamente classificados como verbos de estado para a expressão do imperfectivo contínuo. Logo, o input oferecido às crianças pelos adultos nativos do PB não explicaria essa combinação inicial preferencial entre morfologia não progressiva e verbos tipicamente classificados como verbo de estado.

É possível sugerir que as crianças reconhecem o traço de estatividade em alguns verbos, o que restringe a combinação da morfologia progressiva a eles na grande maioria das vezes – 98% das vezes, nos dados deste estudo. Portanto, quando essa morfologia é estendida a esses verbos tipicamente classificados como verbos de estado, é pelo fato de que eles deixam de ter o traço de estatividade, o que deveria impossibilitar a classificação desses verbos como sendo de estado.

Desse modo, a investigação sobre como se dá o início do processo de aquisição de linguagem em termos de combinação de uma dada morfologia a um tipo de verbo dá suporte à ideia de que o uso de uma morfologia específica em dado verbo deve ser tomado como um instrumento válido para a classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado.

6. Considerações finais

Esta monografia tinha por objetivo contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado, a partir da análise da emergência do imperfectivo contínuo na aquisição do PB. Para alcançar esse objetivo, foi realizado um estudo longitudinal de dados de fala espontânea de uma criança falante nativa do PB, coletada entre dois anos e três meses e dois anos e oito meses.

Foram analisadas as produções verbais relativas à emergência do aspecto imperfectivo contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva nos quatro tipos de verbo postulados por Vendler (1967): verbos de atividade, de estado, de processo culminado e de culminação.

Ao analisar os dados de fala espontânea em questão, verificamos que a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia não progressiva acontece antes da expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva apenas nos verbos tipicamente classificados como de estado. Quanto à morfologia progressiva, a categoria de verbos de atividade é a primeira a expressar imperfectivo contínuo por meio dessa morfologia. Ao contrário do esperado, a expressão do imperfectivo contínuo por meio da morfologia progressiva em verbos de estado e de culminação aconteceu no mesmo período, antes mesmo dessa expressão em verbos de processo culminado.

A partir da análise dos resultados, é possível levantar o questionamento se os verbos tipicamente classificados como estativos sempre o são. A associação do verbo com uma morfologia pode dar um caráter dinâmico a um verbo de estado, caráter que, a priori, um verbo tipicamente classificado como de estado não tem.

Logo, quando um verbo de estado se combina com a morfologia progressiva, ocorreria uma dinamização do predicado, em que as noções semântico-lexicais mais proeminentes na situação seriam demarcadas pela morfologia verbal. A morfologia, então, seria um indicador para a classificação dos tipos de verbo.

Um possível desdobramento para este trabalho seria realizar um estudo com dados de fala espontânea de crianças mais novas, a fim de analisar a combinação dos verbos com as morfologias progressiva e não progressiva em etapas menos avançadas do processo de aquisição. Nos dados analisados, desde as primeiras coletas, já ocorre expressão do imperfectivo contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva com os verbos

de atividade, de estado e de culminação. Um estudo com uma criança mais nova possibilitaria observar com mais precisão a combinação das morfologias veiculando aspecto imperfectivo contínuo desde o início do processo de aquisição.

As reflexões sobre estatividade e morfologia progressiva podem ser feitas de muitas maneiras, sendo a aquisição apenas uma delas. Esta monografia buscou acrescentar às reflexões sobre o tema no PB, por meio de dados de fala de aquisição de linguagem.

Referências

- ANDERSEN, R. & SHIRAI, Y. Primacy of Aspect in First and Second Language Acquisition: The pidgin/creole connection. In: RITCHIE, W. & BATHIA, T. (Eds.), **Handbook of second language acquisition**. San Diego, CA: Academic Press, p. 527-570, 1996.
- ANDERSEN, R. 'The acquisition of verbal morphology'. Los Angeles. University of California. Published in Spanish as 'La adquisición de la morfología verbal'. **Linguística**, v.1, p.89-141, 1989.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.
- COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- DUARTE & BRITO. Predicação e Classes de Predicadores. Em: M.H.M Mateus et al (eds), **Gramática da língua portuguesa**. Capítulo 7. Lisboa: Caminho, 2003.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar** (3^a ed.). London: Edward Arnold, 2004.
- GUIMARÃES, P. A. L.; NOVAES, C. V. ; ESTRELA, F. N. . **A estatividade e a morfologia progressiva no inglês-norte americano e no português brasileiro**. 2013. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
- GUIMARÃES, P.A.L. **Verbos de estado e morfologia de progressivo: um estudo comparativo entre o português do Brasil e o inglês dos Estados Unidos da América**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.
- MOTA, A. L. O. **Aquisição do imperfectivo contínuo nos verbos de estado no português do Brasil**. 2015. (Apresentação de Trabalho/Outra).
- SHIRAI Y, ANDERSEN R.W. The acquisition of tense-aspect morphology: A prototype account. Linguistic Society of America. **Language**, v. 71, 743-762, 1995.
- SMITH, C. **The Parameter of Aspect**. Kluwer: Dordrecht, 1991.
- VENDLER, Z. Verbs and times. In: _____. (Ed.). **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, p.97-121, 1967.

Apêndice

Ocorrências de verbos de estado com a morfologia progressiva nos dados analisados, em ordem cronológica:

(1) 2;4 - “Ver”

AL: Você quer deitar?

(MV pega um livro que está próximo) Esse livrinho é seu ou é da Clara?

MC: É da Clara, da escola.

MV: **Tô vendo.**

(2) 2;6 - “Ver”

RT: O que você quer pegar?

MV: O óculos da mamãe.

RT: Onde tá o óculos da mamãe? Tá na gaveta?

R: Tá na minha bolsa de trabalho, né, M.?

MV: É!

RT: Tá onde? Onde você vai pegar?

MV: Na bolsa da mamãe!

RT: Na pasta da mamãe?

MV: Não, na bolsa!

RT: Na bolsa?

MV: Sim, da mamãe!

RT: E onde tá a bolsa da mamãe?

MV: Eu vou ver. Ali, tá aqui.

RT: Tá aí? Tá onde?

MV: **Não tô vendo.**

RT: Não tá vendo?

(3) 2; 7 - “Ver”

R: Tô vendo um olho.

O olho da Sininho, da Fada Sininho.

Aqui, Maria!

MV: Cadê?

R: O olho dela.

MV: Eu não **tô vendo** olho dela.

R: Aqui! Agora até eu perdi. Aqui, o olho dela.

Ih, Alice sabe jogar!

(4) 2;7 - “Ficar”

MV: Tá de noite lá.

R: Tá o que, Maria?

MV: Tá de noite.

AL: No filme tá de noite, né?

MV: É, lá. **Tá ficando** igual.

(5) 2;8 - “Doer”

R: Vamos pegar só um lenço, pra limpar esse nareco.

MV: Mamãe...

R: Vai, pra fora.

MV: Mãe, **tá doendo!**